

***Pessoa, Portugal e o Futuro*, de Onésimo Teotónio Almeida**
Gradiva, Lisboa 2014

Mensagem, única obra publicada em vida por Fernando Pessoa, tem merecido, desde o seu surgimento, a atenção de um público leitor variado. Por vezes mal amada, a obra sofreu aproveitamentos e rejeições, provocados por factores distantes da literatura. O facto de ter ganho, à época, um prémio do Secretariado de Propaganda Nacional (na categoria b, pois não apresentava o número de páginas exigido pelo regulamento), associou-a injustamente, nalgumas mentes, ao Estado Novo e a uma forma de nacionalismo distante do pensamento de Pessoa. Os estudiosos que se têm dedicado, ao longo de décadas, ao estudo de *Mensagem* e à sua interpretação têm colocado no devido campo, o literário, a leitura da obra.

Onésimo de Almeida pertence a esta categoria, ao conjunto daqueles que persistentemente procuram aprofundar o conhecimento da obra de Fernando Pessoa que, pelas características muito próprias do espólio do poeta, está em constante evolução com a edição de áreas inéditas. O livro recentemente publicado de Onésimo de Almeida, com o título *Pessoa, Portugal e o Futuro*, apresenta a reflexão do autor sobre o assunto, resultado de uma investigação de décadas. Parte de uma proposta de interpretação de *Mensagem*, já dada a conhecer num ensaio publicado em 1987 e que neste livro é actualizada e alargada com novos elementos. Prefaciada por George Monteiro, a obra é formada pelo conjunto dos ensaios que o autor tem vindo a publicar sobre o assunto, aqui organizados cronologicamente, o que permite acompanhar o desenvolvimento da tese inicial através dos novos dados que a investigação continuada e o conhecimento da vertente inédita da obra foram acrescentando.

A tese desenvolvida centra-se no paradigma ideológico que subjaz a construção mítica de *Mensagem*, num processo de autognose de Portugal e de projecção do seu Futuro, o que implica inserir a leitura do poema no projecto nacional que Pessoa, movido pelo desejo de regenerar uma nação em decadência, desde cedo delineou. O sentido de missão a cumprir esteve na origem de muitos dos projectos pessoanos e motivaram intervenções públicas, sob forma de cartas abertas, de panfletos e de outros textos. É neste contexto que Onésimo de

Almeida coloca a criação de *Mensagem*, rejeitando claramente, por esta razão, duas grandes linhas interpretativas: aquela vê no texto pessoano a formulação de um quimérico desejo imperial, baseado na nostalgia de um passado glorioso, e a que o decifra enquanto texto de autognose, codificado em linguagem ocultista. Como ponto de partida para a criação de uma outra leitura, o autor propõe-se reconstruir o universo mental de Pessoa, na sua mundividência e componente ideológica, por meio das seguintes questões a desenvolver: identificação do conceito de mito pessoano e do paradigma ideológico que lhe subjaz; identificação das intenções do poeta; integração da escrita da obra no contexto das suas preocupações patrióticas; inserção da obra nos parâmetros da mundividência pessoana.

Onésimo de Almeida retira, das afirmações do próprio Pessoa, alguns conceitos importantes para a compreensão do assunto. O poeta auto-classificava-se como “um nacionalista místico, um sebastianista racional” e propunha-se criar um mito nacional, construído a partir de elementos próximos da alma portuguesa. A partir do já existente mito sebastianista, pretende construir um sebastianismo novo.

No livro, o autor estabelece que o conceito criador de *Mensagem* parte da preocupação de Pessoa com a decadência do país, aliada à sua crença numa aristocracia de heróis, em que o poeta fosse o motor de um processo evolutivo do povo, e ainda na influência de Carlyle e de Henri Bergson. Para o autor, no entanto, o principal inspirador de *Mensagem* enquanto mito operacional, isto é, mito propulsor de uma acção colectiva para a transformação de Portugal, seria Georges Sorel e o seu conceito de mito enquanto projecção no futuro. Conforme explica, o mito existiria para ambos, Sorel e Pessoa, como “agente no processo da sua consecução, apontando o caminho para a verdade que vai sendo construída”. Deste modo, em *Mensagem*, o mito seria uma criação racional, com a função específica de modificar comportamentos futuros. A este conceito fundador, teria o poeta acrescentado os elementos herméticos, que funcionariam como uma espécie de “manto” intensificador do mistério.

Nos restantes capítulos da obra de Onésimo de Almeida esta tese inicial é aprofundada. Num deles seguem-se pistas sobre o possível conhecimento que Pessoa teria das obras de Georges Sorel. Segundo Francisco Peixoto de Bourbon,

o elemento mais novo da tertúlia do Café Montanha que Pessoa integrava e cujas memórias recolheu, Pessoa repudiava o positivismo, ironizava sobre o criacionismo de Leonardo Coimbra, apreciava Henri Bergson e conhecia e apreciava a obra de Georges Sorel, embora com reservas.

Se o mito aponta a “verdade” a ser construída, torna-se essencial identificar esse conceito, o que o autor faz noutro capítulo, ao analisar a concepção pragmática de verdade em Pessoa e ao relacioná-la com a interpretação de *Mensagem*. Em Pessoa, segundo afirma, existe um outro conceito de verdade, uma terceira via em relação ao conceito clássico, a teoria da correspondência, definida por Tomás Aquino, e em relação à teoria da coerência, de origem platónica. Nessa terceira via, aberta por Pascal e com a sua expressão máxima entre os pragmatistas americanos, Pessoa desenvolve o conceito de “verdade pragmática” e de “verdade transitória da acção”, em que vontade e crenças desempenham um papel fundamental nos rumos do devir, pois vão condicionar os actos dos agentes ao decidirem. A verdade do que vai acontecer no futuro é, por isso, algo que se escolhe e se constrói, como conclui o autor.

Sendo *Mensagem* uma obra ortónima, Onésimo de Almeida considera essencial analisar a mundividência desse Pessoa, o que faz a partir da análise dos conceitos de modernidade, de moderno e de modernismo, com o objectivo de identificar os elementos de modernidade no poeta. Classifica-o de racionalista-empírico na acção, com uma “imensa faceta cognitiva epistemológica”, nível a que é absolutamente moderno, revelando um carácter pós-moderno na crença do devir enquanto construção.

O patriotismo de Pessoa é aprofundado no capítulo “A pátria da língua de Pessoa e de cada qual”, onde, partindo da frase “a minha pátria é a língua portuguesa”, de Bernardo Soares, analisa a relação do poeta com os conceitos de pátria e de patriotismo. O autor baseia-se nos biógrafos pessoanos, como H.D. Jennings, Alexandre Severino, João Gaspar Simões e Robert Bréchon, para revisitar a relação que Pessoa teria tido com as duas línguas e culturas, a portuguesa e a inglesa. Conclui situando a frase do *Livro do Desassossego* no seu devido contexto, no momento catártico ocorrido após a leitura do Padre António Vieira em que, na pele de Bernardo Soares, Pessoa “foi tocado nas estruturas profundas dos seus registos linguísticos.” e se identificou com a língua portuguesa. A análise

é alargada noutro capítulo, dedicado aos fenómenos da vivência numa outra cultura que não a materna.

O projecto, inacabado como tantos, em que Pessoa ponderou o futuro da Ibéria e que foi dado a conhecer na recente edição de Jerónimo Pizarro, com colaboração de Pablo Javier Pérez Lopez, com o título *Ibéria. Introdução a um imperialismo futuro*, apresenta novos dados pela comparação que permite com os conceitos fundadores de *Mensagem*. O autor reconhece nos planos para a “grande Ibéria”, as mesmas coordenadas teóricas de *Mensagem*: o mito é futuro, uma criação imaginária assente num fundo cultural destinado a erguer o moral colectivo. Reconhece, no entanto, que não se encontra a coerência conceptual de *Mensagem* neste projecto incipiente.

Crítico, desde o início, de leituras de cariz esotérico, por as considerar redutoras e por situarem, erradamente na sua opinião, a faceta hermética da obra de Pessoa como foco unificador da sua mundividência, Onésimo de Almeida dedica um capítulo a estas interpretações. Na sua opinião, Pessoa encaminha-se, cada vez mais, para a busca de uma mundividência de cariz ético-estético e menos metafísico, ontológico ou epistemológico.

O último capítulo é dedicado a Thomas Merton, poeta, monge trapista, estudioso do budismo Zen e tradutor de Pessoa, e ao escritor japonês D.T. Suzuki, pela associação que ambos fazem entre a mundividência Zen e Pessoa-Caeiro.

Este livro de Onésimo de Almeida transmite ao leitor o entusiasmo de quem dedicou décadas ao aprofundamento de um objecto de estudo. Hesita-se nalguns pontos: poderá a vertente hermética ser tão racional e secundária como se propõe? Encontramos a presença de elementos desta natureza na obra do poeta, desde os primeiros anos (ver o soneto “Noite”, de 1910, por exemplo). Pessoa possuía, no entanto, o distanciamento de quem busca o próprio caminho, como o autor também aponta. Outra hesitação reside na convicção de que Pessoa foi tomado por “uma abulia radical” nos últimos anos de vida e se foi calando e desistindo dos seus projectos grandiosos, “à medida que a depressão foi dele tomando conta”. Esta teoria parece ser contrariada pela produção literária dos últimos anos do poeta, marcada pela grandeza, tanto em quantidade como em qualidade. A necessidade de intervenção continua, de igual modo, a possuí-lo, como podemos concluir da sua defesa pública das sociedades secretas. A crítica

às políticas do Estado Novo e ao “tiraninho”, embora sem a divulgação que os tempos não permitiam, revela que não era indiferente aos destinos do país. É difícil coadunar estes factos com a teoria de uma abulia radical. Para Fernando Pessoa, o Quinto Império cumprir-se-ia na criação literária, campo essencial da sua acção. Estes aspectos integram, no entanto, o diálogo com o leitor que a obra amplamente documentada e argumentada de Onésimo de Almeida permite.

Ana Maria Freitas

